



O verbo ficar no português do Brasil

The verb to stay in Brazilian Portuguese

*Felipe de Andrade Constancio**

RESUMO: Se o ensino do léxico tem se mostrado desafiador nas aulas de língua materna, talvez sua abordagem também seja um desafio nas aulas de Português Língua Não Materna. Esse entrave talvez seja mais significativo quando se considera o fato de que existem aprendizes que vêm ao Brasil em busca do português falado/escrito nesse país. Este trabalho problematiza uma questão em voga nas pesquisas linguísticas recentes – quais as particularidades do português brasileiro –, para chegar a uma discussão oportuna no ensino de PLNM, a saber: como abordar a produtividade lexical em aulas de português para estrangeiros. Para chegar a um consenso acerca dessa produtividade, recorre-se neste trabalho às conceituações de lexicultura e suas implicações no âmbito do que se tem denominado português do Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: Aprendizes. Lexicultura. Português do Brasil.

ABSTRACT: If lexicon teaching has been challenging in mother tongue classes, perhaps their approach is also a challenge in Portuguese Non-Mother tongue classes. This obstacle is perhaps more significant when one considers the fact that there are apprentices who come to Brazil in search of Portuguese spoken / written in this country. This paper discusses an issue in vogue in recent linguistic research - what are the peculiarities of Brazilian Portuguese - in order to arrive at a timely discussion in PLNM teaching, namely: how to approach lexical productivity in Portuguese classes for foreigners. In order to reach a consensus on this productivity, this work is based on the concepts of lexiculture and its implications in what has been called Portuguese of Brazil.

KEYWORDS: Apprentices. Lexiculture. Brazilian Portuguese.

1. Introdução

O léxico de uma língua constitui um território vasto de exploração, no sentido de que permite ao usuário transitar por registros e construir a sua própria identidade cultural. Esse território apresenta-se oportuno para investigação tanto no que diz

* Mestre em Língua Portuguesa pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). felipe.letas.ac@gmail.com

respeito ao ensino de uma língua materna quanto no que está relacionado ao aprendizado de uma língua estrangeira.

O domínio do Português Língua Não Materna (doravante PLNM) pode contribuir para que haja uma intervenção mais produtiva no ensino do léxico. Este trabalho surge com uma abordagem que busca coadunar essas duas vertentes – o léxico e o PLNM – a fim de corroborar a noção de que a produtividade lexical pode receber investimentos de pesquisa e de ensino na esfera do português como segunda língua.

A seguir, abordam-se, respectivamente, os conceitos de léxico e de lexicultura. O tratamento dessas duas noções, como se verá, pode redirecionar o ensino de PLNM, uma vez que o léxico de uma língua, como o português, pode veicular conteúdos históricos e culturais em sua constituição. O estudo da lexicultura não deve desvencilhar-se desses conteúdos na medida em que não segrega noções como língua e sociedade.

Para tratar de questões que dizem respeito à estruturação e à significação do léxico no ensino de PLNM, recorre-se, neste trabalho, ao conceito e às implicações teóricas da Gramática das Construções. Em linhas gerais, uma gramática de construções faz incursões no território do léxico, mas não deixa de apontar a relevância de blocos significativos, como sintagmas cristalizados e frasemas, para a veiculação de significados culturais.

O estudo da gramática de construções assume um diferencial nesta abordagem de lexicultura pelo fato de somar-se ao estudo particular do português do Brasil. Muitas são as investigações atuais em torno do português brasileiro, de modo que modelos descritivos sobre a língua falada e sobre a língua escrita surgem para pontuar as particularidades fonéticas, sintáticas e lexicais do português usado no Brasil, cujo

interesse pela internacionalização tem trazido aprendizes de diversos lugares do mundo para o seu estudo formal¹.

Para pontuar as particularidades do léxico no português do Brasil, segue, ainda, a proposta de análise de uma forma verbal vernacular – o verbo “ficar”. Estudos recentes têm demonstrado que o verbo “ficar” sofreu um processo de lexicalização, de modo a desdobrar estruturas – sintagmas cristalizados – que estão no uso corrente, figurando em registros orais ou escritos do português do Brasil. O estudo dessa forma verbal, portanto, sugere que existem aspectos culturais geradores da mudança linguística no nível do léxico, cuja manifestação tem se materializado nos usos linguísticos.

O estudo ora proposto encaminha, por fim, a sugestão de um verbete para o tratamento da lexicalização do verbo “ficar” como item a ser investigado em turmas de PLNM. Mais que registrar em um dicionário as possíveis acepções desse verbo, a proposta busca encaminhar um aproveitamento maior dos exemplos que podem figurar juntamente às acepções. De modo geral, a sugestão de um verbete desta natureza requer, como já se disse, uma interface entre aspectos estruturais do léxico e aspectos culturais em aulas de aprendizes.

2. Pressupostos teóricos

Ataliba Teixeira de Castilho (2012) elabora uma teoria multissistêmica de língua, em que quatro sistemas seriam responsáveis pela estruturação e pelo funcionamento do português, a saber: gramática, semântica, discurso e léxico. Sobre este último sistema, pontua Castilho (2012, p. 110):

¹ A Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), por exemplo, apresenta propostas de sistematização do PLNM junto a núcleos docentes que buscam a elaboração de dicionários e outros materiais para aulas de PLNM.

(...) o léxico é um inventário (i) de categorias e subcategorias cognitivas; e (ii) de traços semânticos inerentes. Esse inventário é virtual, pré-verbal, podendo ser entendido como um feixe de propriedades de que lançamos mão para a criação das palavras, ou seja, para a *lexicalização*.

De acordo com esta conceituação, o léxico abrange o repertório das palavras que existem em uma determinada língua ou das palavras que regularmente formam-se nessa língua. No caso do português, especificamente, o inventário das palavras constitui-se de uma herança multiétnica, já que as palavras inventariadas formaram-se a partir de três matrizes étnicas – portuguesa, africana e indígena.

Estudos recentes do português têm dado conta da produtividade lexical por via dessa tripla matriz cultural. Henriques (2011, p. 13) aponta que existem ciências que lidam diretamente com o léxico “de modo sistemático e científico”, como é o caso da Lexicologia e da Lexicografia. Toda essa sistematização do repertório vocabular, como já se disse, pode motivar investigações tanto no território do português língua materna quanto no território do PLNМ.

A “lexicultura”, por exemplo, é um dos domínios de investigação do léxico em interface com aspectos sociais e culturais. Sua conceituação faz-se necessária, portanto, pelo fato de que se trata de uma relevante corrente teórica que tem subsidiado e fomentado a área de PLNМ. A conceituação de “lexicultura” decorre das investigações de Robert Galisson (*apud* BARBOSA, 2009, p. 33) e é retomada neste estudo, uma vez que pode justificar o cruzamento de duas áreas afins do saber – o léxico e a cultura.

Retomando os pressupostos teóricos de Galisson, Barbosa (2009, p. 33) conceitua a “lexicultura” como:

(...) um modo de acesso ao estudo do léxico culturalmente marcado. Entre outros aspectos, a lexicultura mostra-nos a singularidade e a diversidade dos lugares onde a cultura pode ser encontrada em uma língua, pois, sabemos que o léxico é o nível de descrição linguística mais diretamente ligado à realidade extralinguística.

Sem desprezar o trabalho formal empreendido pelos Lexicógrafos em dicionários e demais listas de palavras, a lexicultura assume para si a tarefa de entrecruzar dados sociológicos e formais a respeito das palavras. Essa intervenção assume importante relevância quando se está diante de uma língua estrangeira, já que de um lado constam os registros de uma determinada língua e, de outro, constam os usos dessa língua.

No caso do PLNM, a aplicação do conceito de lexicultura pode ser o diferencial para se compreender como os significados linguísticos circulam com um saber inerente “às culturas” do português e transformam-se em significados sociais, isto é, significados partilhados pela vivência da e na linguagem. As palavras do português, obviamente, constam em nominatas de dicionários, mas a sua significação emerge dos usos linguísticos concretos e de sua frequência, que é o modo por meio do qual os usos ganham força cotidianamente.

De acordo com Barbosa (2009, p. 34), “a lexicultura é um conceito instrumental”. Pelo fato de disponibilizar ao aprendiz de uma língua estrangeira a possibilidade de imersão cultural e pelo fato de trazer para esse aprendiz a vivência mais prática e menos teórica a respeito das significações, a lexicultura abarca uma série de possibilidades acerca do seu objeto de estudo.

Aplicada ao português, a lexicultura permite um trânsito variado em torno dos itens lexicais, a saber: a) investigam-se aspectos culturais e semânticos relacionados à sinonímia, antonímia, homonímia, paronímia, polissemia etc.; b) investigam-se aspectos culturais relacionados à constituição do léxico por via de metáforas e de metonímias; c) investigam-se aspectos culturais relacionados às lexias complexas, tais como: frasesas, ditados populares e provérbios. Só para citar as linhas mais frequentes de investigação.

Por estas razões, vale dizer que a lexicultura mapeia os significados culturais, de modo que o estudo da significação do léxico ultrapassa os limites das listas de

palavras (sem desmerecê-las, obviamente) para alcançar a significação construída coletivamente. A este respeito acrescenta Barbosa (2009, p. 36):

Portanto, evidencia-se que o estudo da lexicultura tem como foco não o significado da expressão ou da palavra em si – tarefa empreendida pelos dicionários – mas o dado cultural – coletivo – evocado pelo signo, uma vez que ele vai revelar as escolhas feitas por aquela coletividade.

A respeito do significado das expressões (ou lexias complexas), propõe-se, a seguir, uma abordagem sobre o processo de cristalização de construções no português. Assim como as unidades lexicais simples (as palavras da língua), as lexias complexas requerem um estudo sobre sua sistematização e sua validação no processo de ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira. Vejamos a sua abordagem no quadro teórico da Gramática das Construções.

Em português, é muito comum circular, por via de usos concretos, expressões idiomáticas que têm potencial icônico, ou seja, que têm potencial motivado discursivamente. Essas expressões idiomáticas surgem por motivações diversas e, em linhas gerais, traduzem conteúdos metafóricos ou metonímicos.

Nos exemplos abaixo, encontram-se essas motivações nas expressões em destaque:

- (1) Ele saiu na **manha do gato**.
- (2) Ele **trocou gato por lebre**.
- (3) Ele botou tudo no mesmo **saco de gatos**.

Qualquer tentativa de análise dos itens em destaque, tomados isoladamente, talvez seja improdutiva, na medida em que sua significação constrói-se a partir da ancoragem nos outros itens sintagmáticos (na construção com um todo). Dessa forma, a mera ocorrência do vocábulo “gato” em todas as construções afasta a noção de que se está falando estritamente de um animal com traço mais animado e, portanto,

pertencente à classe dos felinos (fala-se em “gato”, mas nos enunciados não se assume esse significado específico).

Uma interpretação coerente acerca dessas construções leva-nos a observar que: quando se usa a expressão “manha do gato”, a referência imediata do uso sugere discrição; quando se usa a expressão “trocar gato por lebre”, faz-se referência a um suposto engano; quando se usa a expressão “saco de gatos”, faz-se alusão a uma suposta mistura ou confusão. Como se vê, o uso do dicionário escolar para a apreensão dos significados dessas construções seria insuficiente, uma vez que elas assumem um traço mais cultural.

O estudo destas construções de (1), (2) e (3) enquadra-se nos domínios das “lexias complexas” que, segundo Biderman (1978, p. 131), são unidades “perfeitamente soldadas” e “com forte índice de coesão interna”. Neste sentido, qualquer tentativa de realocação vocabular dentro de uma lexia complexa pode resultar improdutivo, na medida em que, como diz a autora, torna o conteúdo semântico esvaziado pelo todo significativo.

A tentativa de mapeamento das lexias complexas no quadro lexical do português (neste caso, o português do Brasil) não prescinde dos fatores estruturais de sua formação, mas também não deixa de apontar caminhos para considerá-las itens formados a partir de conteúdos metafóricos, motivados e fomentados pelos usos linguísticos, que, embora pareçam simplórios, envolvem associações discursivas e culturais que se tornam frequentes.

De igual modo, o estudo das lexias complexas pode ser verificado no interior da Teoria da Gramática das Construções, cujo proponente, Fillmore (*apud* SALOMÃO, 2009, p. 12), prevê uma série de associações de cunho cognitivo que são responsáveis pela rede de significação nos usos da língua. Essa análise das redes significativas é uma das demandas teóricas da Gramática das Construções:

O desafio heurístico posto para a Gramática das Construções dentro dessa agenda programática consiste em desvelar os processos de significação, tratando as unidades linguísticas, em todos os níveis, como redes de signos, ou seja, como construções integradas de forma e modos de significação semântico-pragmática. (SALOMÃO, 2009, p. 12)

O escopo teórico-descritivo da Gramática das Construções observa, sobretudo no que diz respeito à constituição da transitividade verbal, os blocos significativos formados por itens que se juntam ao verbo para veicular conteúdos semânticos cristalizados (ou lexicalizados). Salomão (2009, p. 27) elenca uma série de construções do português, cuja estrutura apresenta-se em vias de lexicalização, a saber: “fazer barba”, “cortar cabelo”, “pegar menino no colégio”, “eu arrependi de ter vindo” dentre outras.

A análise dessas unidades em vias de cristalização torna-se promissora no português do Brasil, pelo fato de haver um escopo nos *corpora*, que vai desde as unidades complexas com duas palavras até unidades que constituem ditados ou provérbios cristalizados e, conseqüentemente, consagrados pelos usos. Um dos exemplos usados por Salomão (2009, p. 27) diz respeito à questão do tabuísmo envolto à enunciação de “vou apertar mas não vou acender agora”, cuja significação, segundo a autora, constitui “objeto de interdito”, na medida em que pode revelar fragilidade discursiva de parte de quem enuncia em situações inadequadas de uso.

Em estudo sobre a “decomposição de predicados”, Amaral (2016, p. 18) aborda o fato de os campos lexicais na construção de determinados predicados complexos podem assumir feições metafóricas como as que estão destacadas nos enunciados (4) e (5), respectivamente sugeridos pela autora:

(4) “O vestibular **abre muitas portas**”.

(5) “A graduação **é uma janela para o sucesso profissional**”. (Grifo nosso.)

Conforme destaca Amaral (2016, p. 18), as unidades em destaque assumem teor metafórico pelo fato de portar unidades lexicais (“abrir”, “portas”, “janela”) cujo conteúdo de campos lexicais distintos corrobora a acepção mais ampla e generalizante do “sucesso profissional” em ambos enunciados.

Como se observa, o estudo das lexias complexas a partir das contribuições do quadro teórico da Gramática das Construções redireciona o tratamento do léxico, na medida em que permite ao professor/pesquisador localizar conteúdos de base semântica e, sobretudo, de base cognitiva, que podem revelar estruturas cujo aproveitamento dá-se nitidamente na aprendizagem cultural do léxico nas aulas de PLNM.

A seguir, esboçam-se as peculiaridades do verbo “ficar” no português do Brasil. Como se nota, a proposta de análise desse verbo específico, figurando em construções complexas, aponta um caminho de lexicalização que, indubitavelmente, concorre para o fato de que o campo de investigação do léxico no PB é um caminho oportuno para a sistematização e o ensino-aprendizagem de português como segunda língua.

3. Metodologia

No livro *O português da gente*, Basso e Ilari (2014) expõem as particularidades do léxico no português do Brasil. Os autores fazem uma incursão na história do português, no Brasil e fora dele, e chegam à conclusão de que o léxico do português brasileiro sofre um processo de enriquecimento em quatro etapas distintas, a saber: por via do português arcaico, por via dos empréstimos linguísticos, por via dos processos eruditos e por via das formas vernaculares em uso.

Para efeitos de consideração teórica neste trabalho, opta-se pelo recorte do português vernacular em circulação no Brasil atualmente. Segundo Basso e Ilari (2014, p. 134), “o português do Brasil tem um léxico de uso corrente de cerca de sessenta mil palavras”, dentre as quais destacam-se aquelas de uso passivo (as que o falante sabe

interpretar) e as de uso ativo (as que o falante põe em uso nos processos interativos). Sobre a renovação particular deste léxico, ressaltam os autores (2014, p. 134):

Analisado do ponto de vista histórico, o léxico do português brasileiro aparece como o resultado de um longo processo, no qual muitas palavras antigas se perdem ou só sobrevivem com novas funções e novos valores, ao mesmo tempo que novas palavras vão sendo constantemente criadas.

Basso e Ilari (2014, p. 145) destacam que houve intensa contribuição do português arcaico, dos empréstimos linguísticos e das formas eruditas de modo a intervir consideravelmente na formação do léxico do português do Brasil. No entanto, os autores destacam a relevância das formas vernaculares – grosso modo, as formas mapeadas nos usos diários – como aquelas que mais contribuíram para que houvesse um fluxo significativo na criação das palavras que compõem o léxico da língua falada no Brasil.

De acordo com Basso e Ilari (2014, p. 145), a produtividade do léxico formado a partir de criações vernaculares tem na morfologia derivacional – por meio de formações derivacionais resultantes de prefixação e de sufixação – uma fonte quase que inesgotável de produção de palavras no português do Brasil. Embora a prefixação e a sufixação não sejam contempladas neste trabalho, é importante ressaltar que a sua manifestação específica e peculiar no português do Brasil tem recebido muitos olhares investigativos (veja-se a produtividade lexical em formações com –aço, como “panelaço”, “beijaço”, “cuspidaço” etc.), justamente pelo fato de apontar um caminho teórico em torno dos processos de mudança linguística.

A partir desse olhar investigativo acerca da constituição do léxico do português do Brasil e desse conseqüente fluxo de palavras que constitui os usos passivos e ativos, tecem-se daqui em diante considerações sobre as particularidades do verbo “ficar” na constituição das formas linguísticas frequentes no português vernacular atualmente.

A escolha desse verbo, como se verá adiante, atende a critérios de ordem morfosintática e de natureza semântica, uma vez que o verbo “ficar” figura em construções do português do Brasil e recebe poucos estudos de cunho lexicológico, sobretudo no que diz respeito à área de PLNM.

Houaiss (2015, p. 453) elenca dezesseis acepções para o verbo “ficar”, dentre as quais extraem-se para efeitos de análise as seguintes:

ficar (fi.car) *v.* {mod. 1} *pred.* **1** manter-se em certo estado, condição, posição; permanecer, continuar <*f. sentado, de braços cruzados*> <*f. solteiro*> (...) **16 B** *infrm.* (prep. *com*) manter envolvimento amoroso por pouco tempo (com), sem compromisso de estabilidade ou fidelidade amorosa <*fiquei com ele na festa de ontem*>.

A primeira acepção de “ficar” no Houaiss (2015, p. 453) enquadra esse verbo entre os chamados verbos de ligação, uma vez que o considera sinônimo de outros verbos que recebem essa mesma classificação na gramática dita normativa. O Houaiss (2015, p. 453) vale-se de exemplos elucidativos a respeito dessa funcionalidade de “ficar” em enunciados que denotam “estado” de um sujeito – “ficar sentado, de braços cruzados”.

Ao mesmo tempo que sinaliza a existência do verbo “ficar” no seu uso prototípico – como verbo de ligação – o dicionário registra na sua última acepção um uso bastante produtivo no português do Brasil, a saber: quando “ficar” equivale a “envolvimento amoroso” e “sem compromisso”.

O registro de tal uso não só mostra que o *Dicionário Houaiss* busca comportar formas mais prototípicas do léxico (a da primeira acepção, por exemplo) como também busca agregar formas vernaculares (a da segunda acepção, por exemplo). Esse diálogo de acepções em um mesmo verbete confirma o fato de que este dicionário também registra usos de variação diafásica, isto é, usos que dizem respeito a faixas etárias distintas.

No *Dicionário UNESP do português contemporâneo*, Borba (2011, p. 613) registra vinte e oito acepções para o verbo “ficar”. Além das acepções sinalizadas no *Dicionário Houaiss*, o *Dicionário do português contemporâneo* aponta, no vernáculo, usos que demonstram a capacidade que o verbo “ficar” adquire diante de processos de lexicalização.

A lexicalização, como se pode notar nos exemplos do dicionário de Borba (2011, p. 613), dota formas verbais (e outras palavras) de conteúdos semânticos distintos. Esse processo, no português do Brasil, é responsável pela inserção de usos tanto na fala quanto na escrita. No *Dicionário do português contemporâneo*, alguns dos registros de “ficar” são dotados de valores semânticos a partir da combinação desse verbo com outras formas da língua, como formas no gerúndio e preposições. Listam-se abaixo algumas dessas acepções, cujos processos de lexicalização são relevantes:

15 permanecer junto de: *Faço questão de ficar com vocês o tempo todo.* **16** passar para a guarda de: *Ester ficou com os avós, que lhe faziam todas as vontades.* **17** passar para a posse de; passar a estar: *O dinheiro ficou com ela. (...)* **28** indica negação ou não cumprimento do que expressa o infinitivo, que tem valor passivo: *A maior parte do trabalho ficou por terminar.* **f. por dentro/por fora** estar (ou não) a par de: *É difícil ficar por dentro do que rola com esse esporte no mundo.* **não f. atrás** não levar desvantagem; estar no mesmo nível: *O atendimento é perfeito, não fica atrás das melhores companhias internacionais.*

Alguns dos usos apontados pelo dicionário de Borba (2011, p. 613), como “ficar por dentro”, “ficar por fora”, “não ficar atrás”, constituem, no léxico do português do Brasil, construções lexicalizadas ou lexias complexas. De acordo com o que foi dito no tópico da Gramática das Construções, essas unidades têm validade metafórica no português, na medida em que figuram no lugar de outras construções, que, como diz Borba (2011, p. 613), equivaleriam a tomar consciência de algo e “não levar desvantagem”.

Adotando a mesma proposta de registro do dicionário de Borba (2011), o *Guia de uso do português*, de Neves (2012, p. 14), “baseado em pesquisa de ocorrência e, quando necessário, também de frequência”, mapeia em um corpus escrito os usos do português para a construção dos verbetes.

Vale ressaltar que ambos os dicionários, tanto de Borba (2011) quanto de Neves (2012), são responsáveis pelas ocorrências mais vernaculares do verbo “ficar”. Nestas obras, registram-se os usos efetivos do português brasileiro, no sentido de que os *corpora*, localizados em bancos de dados da UNESP de Araraquara, dão conta de uma realidade menos virtual do léxico, já que os textos escolhidos para o mapeamento das palavras correntes do português apresentam um *continuum* entre fala e escrita. Essa preocupação em torno desse *continuum* é o que parece garantir uma descrição mais real do português culto contemporâneo.

No *Guia de uso*, Neves (2012, p. 349) elenca duas construções do português – “ficar de pé” (com o seu correlato “ficar em pé”) e “ficar para as calendas gregas”. As duas construções figuram no *Guia* a partir de seus usos particulares, a saber: a primeira, “ficar de pé”, é registrada em situações de uso menos formais, o que implica dizer que se trata de uma expressão lexicalizada, como um grupo de força que não se pode desmembrar; a segunda, “ficar para as calendas gregas”, é mapeada em registros mais formais do português (o que não exclui, por exemplo, a forma “fica para a titia”), encontrados em contextos mais eruditos.

Neves (2012, p. 349) vale-se, como Borba (2011), de acepções e de registros escritos para tratar de ambas as construções. No *Guia* não são encontradas acepções prototípicas para o verbo “ficar”, como aquelas verificadas no *Houaiss* (2015):

ficar de pé, ficar em pé

As duas construções têm o mesmo valor básico, indicando posição. *Bernardo FICOU DE PÉ, olhando para fora.* (FP) *A Mulher sentou-se, pôs o menino no colo, e o soldado FICOU EM PÉ.* (AM)

ficar para as calendas gregas

Significa “não ocorrer nunca”, porque os gregos não tinham calendas. *Ao retirá-lo, porque, de fato, o pouco prazo punha em risco a aprovação, também seria necessário que fossem dadas garantias de que a discussão não FICARIA PARA AS CALENDAS GREGAS.* (FSP)

Calendas, substantivo que só se usa no plural (*pluralia tantum*), designa, no calendário romano (mas não no grego), o primeiro dia de cada mês. (NEVES, 2012, p. 349)

O tratamento lexical do verbo “ficar” nos três dicionários, embora não exaustivo, dá mostras de que se trata de um verbo usado com matizes de significação muito peculiares. Se as variadas acepções desse verbo podem causar dúvidas de uso por parte dos falantes do português do Brasil, de igual modo sua ocorrência/frequência em turmas de aprendizes de português como segunda língua pode suscitar a oportunidade de estranhamento cultural por parte dos aprendizes. A seguir, sugere-se a produção de um verbete para auxiliar o trabalho com os usos desse verbo em turmas de aprendizes.

4. Resultados

A fim de subsidiar um trabalho mais proveitoso com os significados possíveis do verbo “ficar”, em um suposto dicionário de aprendizes de PLN, propõe-se a seguir um verbete em que se notam basicamente os significados mais prototípicos desse verbo no português do Brasil e, em seguida, os significados que estariam registrados em lexias complexas.

Essa proposta dialoga com a composição de verbetes do *Guia de uso do português*, elaborado por Neves (2012). Como se sinalizou, esta obra assume uma disposição diferenciada de verbetes, na medida em que apresenta conteúdos gramaticais acerca das palavras de entrada e de subentrada, os significados veiculados nas acepções e, posteriormente, os exemplos que dão conta desses significados.

Assim como no *Guia de uso* os exemplos são coletados de fontes do português escrito atual, como da Revista Veja e da Revista Ela, além de exemplos coletados de páginas da internet (blogs e outros sites). A escolha desses veículos de comunicação tem demonstrado, portanto, que o português escrito no Brasil hoje apresenta traços de uma norma culta menos ideal e mais real, de modo a sinalizar que há um *continuum* entre fala e escrita no monitoramento dos registros de usuários escolarizados.

Segue o verbete:

ficar

verbo de ligação

1. Introduz o estado físico ou afetivo em que se encontra um sujeito.

Exemplo 1: “Também tenho minhas predileções, gosto de moreno, mas já me relacionei com louros. Uma amiga perdeu o marido após fazer uma bariátrica e **ficar** 50 quilos mais magra. Não vou deixar de me relacionar com um homem porque ele **ficou** careca” [*Revista Ela*, 12/11/2017].

Exemplo 2: “Ao ler o artigo da escritora Lya Luft, **fiquei** perplexa. VEJA tem uma imensa projeção sobre a sociedade brasileira e, infelizmente, um texto como esse gera preconceito. Se fôssemos pensar de maneira similar, também deveríamos dividir em castas nossa sociedade: os amarelos, os vermelhos, os negros, os pardos, os gordos, os magros, e assim por diante” [*Revista Veja*, 09/01/2013].

verbo intransitivo

2. Localiza o sujeito em um determinado lugar/espço.

Exemplo 1: “- Sempre estou com mil coisas para ele mixar, mas **fico** na fila” [*Revista Ela*, 19/11/2017].

verbo transitivo relativo

3. Equivale a um relacionamento passageiro.

Exemplo 1: “- Já tive amigos que chegaram numa ex-namorada minha. Ainda bem que ela não topou, porque seria uma situação chata. Mas, quando a relação não é séria, não tem problema. Já **fiquei** com meninas que os meus amigos **ficaram** também. Tranquilo” [Adaptado de <http://diariogaicho.clicrbs.com.br/rs/noticia/2012/06/ficar-com-ex-de-amigo-e-traicao-3800234.html>, 12/01/2018].

ficar de boa*lexia complexa*

1. Mostrar-se compreensivo em determinada situação.

Exemplo 1: “Quando você me ver na rua com outra pessoa / é melhor você **ficar de boa** / sua vida agora é sair com os amigos pra curtir” [Adaptado de <https://www.vagalume.com.br/avioes-do-forro/ficar-de-boa.html>, 12/01/2018].

ficar pra titia*lexia complexa*

1. Não conseguir nem relacionamento nem casamento.

Exemplo 1: “Por isso eu quero e preciso contar pra você que também tá se obrigando a estar com alguém só pra não ficar sozinha, que tem coisa muito pior do que acabar **ficando pra titia**” [Adaptado de <<http://www.novaperspectiva.com/2017/06/nao-tenho-mais-medo-de-ficar-pra-titia.html>>, 12/01/2018].

ficar com a pulga atrás da orelha*lexia complexa*

1. Demonstrar desconfiança ou dúvida em relação a algo ou a alguém.

Exemplo 1: “Normando, sempre tão rude, hoje me deu um presente. É caso para **ficar com a pulga atrás da orelha**” [Adaptado de <http://www.dicionarioinformal.com.br>, 14/01/2018].

5. Considerações finais

A proposição de um trabalho desta natureza corrobora, portanto, com a ideia de que a exploração do léxico pode ser produtiva em diversas modalidades de ensino do português. Na modalidade PLNM, um investimento nas potencialidades do léxico pode revelar um tratamento mais aplicado nos seguintes domínios:

- a) manifestação de identidades culturais por via da lexicultura: o léxico não é visto apenas como o “depósito” das palavras de uma língua. Para investigá-lo, há que se lançar mão de uma abordagem que dê conta também dos aspectos culturais subjacentes a uma língua, como o português;
- b) Gramática das construções e léxico: talvez não seja possível a decomposição de todas as unidades da língua para a sua análise, uma vez que há unidades que

funcionam “em conjunto”, na sua complexidade ou na sua “rede” de significação. As lexias complexas são um exemplo dessa unidade de significação, na medida em que portam conteúdos lexicais com traços cognitivos (metafóricos ou metonímicos) manifestados nos usos;

c) estudo do léxico no português do Brasil: a sugestão do estudo das formas vernaculares atuais no português do Brasil tem demonstrado a dinamicidade e o caráter fluido das formas mapeadas com frequência nos usos. Nesse sentido, a sistematização dessa dinamicidade e fluidez pode contribuir para que haja mais descrições que busquem a particularização dessa língua falada/escrita na América Latina;

d) estudo do verbo “ficar” no português do Brasil: a proposição de um verbete que dê conta dos usos do português do Brasil pode encaminhar a ideia de que faltam obras destinadas à sistematização do léxico do PB para estrangeiros. O encaminhamento torna-se pertinente uma vez que os materiais lexicográficos disponíveis parecem não favorecer um ensino produtivo do léxico no PLNLM.

Referências Bibliográficas

AMARAL, L.; CANÇADO, M. **Introdução à semântica lexical**: papéis temáticos, aspecto lexical e decomposição de predicados. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016. 253 p.

ANTUNES, I. **Território das palavras**: estudo do léxico em sala de aula. São Paulo: Parábola, 2012. 174 p.

BARBOSA, L. M. A. O conceito de lexicultura e suas implicações para o ensino-aprendizagem de português língua estrangeira. **Revista Filologia e Linguística Portuguesa**, São Paulo, n. 10, p. 31-41, 2009.

BASSO, R.; ILARI, R. **O português da gente**: a língua que estudamos, a língua que falamos. São Paulo: Contexto, 2014. 272 p.

BIDERMAN, M. T. C. **Teoria linguística**: linguística quantitativa e computacional. Rio de Janeiro: Livros técnicos e científicos, 1978. 277 p.

BORBA, F. S. **Dicionário UNESP do português contemporâneo**. Curitiba: Piá, 2011. 1488 p.

CASTILHO, A. T. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2012. 768 p.

HENRIQUES, C. C. **Léxico e semântica: estudos produtivos sobre palavra e significação**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011. 231 p.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. **Pequeno dicionário Houaiss da língua portuguesa**. São Paulo: Moderna, 2015. 1114 p.

NEVES, M. H. M. **Guia de uso do português: confrontando regras e usos**. São Paulo: UNESP, 2012. 829 p.

SALOMÃO, M. M. M. Teorias da linguagem: a perspectiva sociocognitiva. *In*: MIRANDA, N. S.; SALOMÃO, M. M. M. **Construções do português do Brasil: da gramática ao discurso**. Belo Horizonte: UFMG, 2009, p. 20-32.

Artigo recebido em: 11.04.2018

Artigo aprovado em: 22.08.2018